

**14380 - A produção de mudas florestais em uma comunidade quilombola do litoral do Rio Grande do Sul, Brasil: compor agrobiodiversidade, fortalecer agroflorestas, enriquecer paisagens**

*The production of forest seedlings in a Quilombola Community of the coast of Rio Grande do Sul, Brazil: to compose agrobiodiversity, to reinforce agroforestry, to enrich landscapes*

MOUZER, Marcus Vinícius de Souza<sup>2</sup>, OLIVEIRA, Adroaldo Lopes<sup>1</sup>, CASAGRANDE, Alana<sup>2</sup>, CORREA, Alex da Silva<sup>3</sup>, COELHO-DE-SOUZA, Gabriela<sup>2</sup>, ROSA, Guilherme<sup>2</sup>, OLIVEIRA, Manoel Boeira<sup>1</sup>, KUBO, Rumi<sup>2</sup>

1 Associação Comunitária Quilombola do Limoeiro, 2 . Núcleo de Estudos em Desenvolvimento Rural Sustentável e Mata Atlântica – DESMA, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural – PGDR/UFRGS, [gengibre76@gmail.com](mailto:gengibre76@gmail.com); 3. Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural - EMATER/RS, [empalmas@emater.tche](mailto:empalmas@emater.tche)

**Resumo**

Na planície costeira do Sul do Brasil encontra-se a comunidade Quilombola do Limoeiro, que há gerações vêm elaborando e estabelecendo práticas em agricultura ambientalmente contextualizadas. Tais práticas configuram uma relação histórica positiva com matas e campos nativos da região. Todavia, na mesma região, o estabelecimento de monocultivos de arroz há décadas tornou-se o principal agente desestruturador das formas tradicionais de manutenção da agrobiodiversidade quilombola. Dentro deste contexto, junto ao projeto “Fortalecimento das Agroflorestas no Rio Grande do Sul”, por meio de diálogos etnográficos com a comunidade, deu-se a construção do Viveiro Quilombola, que vem estimulando o fortalecimento, enriquecimento e diversificação dos ambientes manejados pela comunidade. Estas ações estão se revelando importantes para apoiar a luta quilombola e fortalecer seus territórios sociais como espaços de autonomia na produção de alimentos, qualidade ambiental e saúde.

**Palavras-chave:** “Quilombo do Limoeiro”; Viveirismo Ecológico; Agroecologia; Etnoecologia; Territorialidade.

**Abstract:** In the coastal plain of southern Brazil is the community “Quilombo Limoeiro”, which for generations have been developing and establishing practices in agriculture environmentally contextualized. Such practices constitute a positive historical relationship with native forests and fields of the region. However, in the same region, the establishment of monoculture rice for decades became the main agent destructuring of traditional forms of maintenance of agrobiodiversity maroon. Within this context, with the project “Strengthening of Agroforestry in Rio Grande do Sul”, through ethnographic dialogues with community, given the construction of the “Seed-Plot Quilombo”, which demand strengthening, enriching and diversifying environments managed by the community. These actions are revealing important to support the fight maroon and strengthen their territories as social spaces of autonomy in food production, environmental quality and health.

**Keywords:** “Quilombo Limoeiro”; Ecological Seed-plot; Agroecology, Ethnoecology, Territoriality.

**Introdução**

Este artigo procura trazer reflexões sobre: as comunidades negras (quilombolas), partindo do pressuposto de que, a partir de suas práticas tradicionais de manutenção de cultivares, compõem sua agrobiodiversidade, fortalecem seus sistemas territoriais, enriquecem as paisagens da região. A partir desse contexto, questiona-se quais os processos ontológicos, históricos e etnológicos podem ser percebidos nos

confrontos ou diálogos entre as relações cultura-ambiente quilombola e processos modernizadores da agricultura? O referencial empírico deste trabalho baseia-se no trabalho de cerca de dois anos junto à Comunidade Quilombola do Limoeiro, localizada no litoral médio do Estado do Rio Grande do Sul, município de Palmares do Sul, Brasil. Este trabalho propiciou o convívio junto a algumas famílias da localidade para a produção de mudas arbóreas e a partir deste, procuramos aprofundar algumas questões sobre a agricultura quilombola e de noções propostas acerca das relações cultura-natureza pelo antropólogo Tim Ingold (1995; 2012).

Maestri & Fiabani (2008) ao analisarem a história de quilombos horticultores no Brasil escravista, trazem que as duras condições de trabalho e de existência na produção escravista colonial motivaram múltiplas formas de resistência. As comunidades quilombolas estáveis ou semi-estáveis subsistiram mais comumente do saque, da caça, da pesca, do extrativismo, da criação animal, da prestação de serviços à sociedade escravista. A documentação histórica sugere que as comunidades quilombolas vivendo da produção de gêneros vegetais de subsistência tenham sido fortemente dominantes.

A historiografia especializada assinalou de modo abundante a existência de pequenos, médios ou grandes quilombos em praticamente todas as regiões do Brasil envolvidas pela exploração escravista colonial. Por suas características, o fenômeno quilombola plantou raízes em territórios que a sociedade escravista não havia abraçado efetivamente, constituindo-se como verdadeira "vanguarda da fronteira agrícola de suas épocas" (Maestri & Fiabani, 2008, p. 65).

Maestri & Fiabani (2008) trazem ainda que a horticultura quilombola ter-se-ia apoiado nas práticas congêneres tupi-guarani e negro-africanas. O trabalho nas fazendas monocultoras voltadas à exportação agregava possivelmente escassos conhecimentos agrícolas aos trabalhadores africanos escravizados que, ao fugirem, eram comumente obrigados, na luta pela sobrevivência, a adaptar práticas e técnicas horticultoras negro-africanas às novas condições sociais (muitas vezes, dando-se o contato com indígenas), geográficas e ecológicas dos sertões do Brasil. A contribuição, adaptação e aclimatação da tradição horticultora africana ao Brasil coloca problemas raramente abordados mesmo pela historiografia especializada ou pelas disciplinas relacionadas a agricultura e manejos tradicionais.

No litoral médio do estado do Rio Grande do Sul, segundo os relatos locais, encontram-se comunidades que se originaram de formas semelhantes às descritas por Maestri & Fiabani (2008), comunidades essas originadas a partir da herança de donos de fazendas locais, que vêm configurando na história local distintas formas de relações e interações com o ambiente. Neste trabalho, a partir das situações vivenciadas na Comunidade de Limoeiro, buscamos descrever alguns traços desta dinâmica histórica quilombola objetivando fortalecer as práticas tradicionais de manejo ambiental quilombola para a região.

### **Metodologia**

O projeto a partir da qual foram propostas as atividades que permitiram a redação deste trabalho, tinha como foco central o tema das "agroflorestas". Assim, as práticas locais foram interpretadas na perspectiva de práticas agroflorestais quilombolas e estas foram problematizadas a partir das seguintes atividades que foram executadas concomitantemente à construção de um viveiro de mudas na Comunidade de

Bacupari: saídas de campo, conversas e práticas para reconhecimento da flora lenhosa da restinga (formações vegetacionais que recobrem terrenos arenosos de formação geológica recente); coleta e plantio de sementes e transplante e repique de mudas, visando a formação do viveiro de mudas; monitoramento das sementeiras e mudas plantadas; realização de oficinas e mutirões para o manejo agroflorestal; encontro de trocas de sementes, mudas e experiências em agricultura quilombola. Estas atividades foram registradas em imagens, acompanhadas de notas de campo e sistematização das experiências.

### **Resultados e discussões**

Ao observarem-se as práticas agroflorestais quilombolas, percebe-se que a prática de produção de mudas ocorre a todo momento, entre os diversos agricultores e famílias, a partir de distintas relações que cada agricultor ou família vem estabelecendo historicamente com árvores, hortaliças, campos, animais e entre si.

É visível, ao se percorrer diversas chácaras das comunidades quilombolas desta região, a presença de variados tipos de feijões, abóboras, melões, melancias, milho, mandiocas, batatas-doces, cabaças, carás, gengibres, bananas, árvores cultivadas, produzindo diversos frutos comestíveis, chás medicinais, madeira para construção, compondo cercas para conter forte vento, característico da região, constituindo assim, quintais produtivos. Interpretamos, a partir das falas e associações a estas práticas comuns entre as famílias quilombolas, que estas relacionam-se a constituição de seus espaços de existência e resistência, principalmente frente aos agrotóxicos advindos dos grandes plantios de arroz e soja comuns nesta região. Animais de criação e animais dos matos também estão presentes no dia-a-dia e nas histórias das comunidades.

Assim, compor; fortalecer e enriquecer, estes três verbos, colocados no título deste trabalho, sugerem formas de expressar (verificadas como ações no mundo) que entrecruzam algumas noções desenvolvidas pelo antropólogo europeu Tim Ingold – ao referir-se às perspectivas transhumanas do trabalho – em que humanos e “agroflorestas” não se distinguem, sendo ambos alimentados reciprocamente. Mesclam-se assim no percorrer histórico uma resistência etno-ambiental destas comunidades, que nas suas práticas de agricultura, revelam matrizes africanas e indígenas fortemente vinculadas, além das influências europeias.

Ingold *apud* Carvalho & Steil (2013), nesse contexto ao refletirem sobre a vida em termos de linhas e fluxos - nos quais a matéria, indistintamente biológica e cultural, pulsa sem continentes - colocam que as noções de corpo, carne e paisagem se aproximam de uma lógica fetichista, em que o objeto, em virtude de sua presença material, afetaria o curso dos acontecimentos.

Compor, enriquecer, fortalecer, podem ser concebidos assim como verbos de poder criativo no mundo, que contextualizados no vivenciar histórico das comunidades, permitem-nos uma fusão entre as linhas da história natural e cultural que tradicionalmente são mantidas separadas. Valoriza-se a criatividade humano-natureza, que assim se permite ser lida em distintas escalas espaço-temporais, para tratar da agroecologia e seus distintos potenciais de construção e manutenção de realidades em bases sustentáveis, perceptíveis através dos processos históricos que estas ações encerram, executadas pelas famílias quilombolas junto à história ambiental local.

Processos esses que não se configuram em resultados objetivos eventuais, visto que a ideia-chave que pretendemos abordar é o próprio fato de que estas comunidades são co-autoras históricas do ambiente em que vivem, gerenciando diversas interações sócio-ambientais e sócio-políticas, dos quais a academia e demais agentes não-quilombolas são interessantes aliados para o fortalecimento dos diversos processos etno-ambientais locais.

Dessa forma, retornando-se a noção de linhas ou fluxos trabalhada por Ingold, todos os organismos - humanos e não-humanos - vivem em simetria absoluta como resultado – um nó – de uma infinidade de fluxos, onde lhes são dadas as possibilidades de descrever e compreender o mundo, em imanência criativa; “conjugação imediata da percepção na ação” (Ingold, 2012, p.77). Refletidas desse modo, a partir da produção de mudas quilombolas, numa reatualização histórica de ações de resistência e criatividade sócio-ambiental.

Tal noção passa a envolver também uma compreensão do humano como re-produtor contínuo dos distintos níveis, normalmente utilizados na ecologia acadêmica, para delimitação da noção escalar de biodiversidade, sejam as diversidades alfa (local, entre espécies), beta (entre habitats) e gama (entre paisagens), que permitem um conformar territorial etno-histórico único.

Outra forma na qual Ingold (1995) trata esta questão, interessantemente complementar, consiste na noção de fazer crescer. Fazer crescer algo junto à natureza é recuperar um sentido muito antigo do termo e que, entretanto, permanece sendo usado. Quando os agricultores roçam, plantam, tiram a erva ou cuidam dos animais, seu trabalho não fabrica plantas ou animais, mas trata-se de um trabalho para estabelecer as condições ambientais de seu crescimento e desenvolvimento. Assim, em vez de pensar nas plantas e animais enquanto uma parte do ambiente natural dos seres humanos, torna-se mais apropriado pensar nos seres humanos e nas suas atividades como uma parte do meio ambiente das plantas e animais. Os seres humanos, por sua atividade produtiva, não transformam o mundo: eles desempenham um papel, ao lado de seres de outro tipo, na transformação do mundo por eles mesmos. É a este processo de autotransformação que se configura a noção de crescimento, ao invés de fabricação, resume Ingold. A noção de fabricação constitui-se na forma que tem penetrado há décadas na região junto às famílias quilombolas, conhecida como modernização da agricultura. A noção de fazer crescer é percebida incontestavelmente como constituinte ontológico, etnológico e histórico das famílias quilombolas, que apesar dos contratempos, ainda resiste compondo, fortalecendo, e enriquecendo seus ambientes.

O Viveiro Bacupari, localizado no Sítio Oliveira, pertencente a uma das famílias quilombolas é reconhecidamente estratégico para a qualidade ambiental das chácaras e para a região como um todo, que não possui viveiros com foco em produção diversificada. Sua construção e as diversas ações sócio-ambientais necessárias à sua manutenção tem resultado em distintos desafios, visto que se constitui num espaço institucionalizado de produção, interações sociais e de estudos, dos próprios atores envolvidos neste espaço, de dinâmicas florestais locais e regionais para crescimento e manutenções de práticas ecologicamente contextualizadas, ao mesmo tempo referenciadas historicamente, tanto pela história documental como oral. Estudos e práti-

cas essas, consideradas fundamentais no auxílio à aquisição definitiva de suas terras junto à sociedade contemporânea.

### **Conclusões**

Arriscamos neste trabalho referenciar breves históricos de comunidades negras rurais que constituem de fato uma história de resistência sócio-ambiental calcada fortemente em seu poder criativo de reconfigurar seus espaços de atuação junto à natureza, que nos quilombos processa-se nas suas adaptações e reformulações da agricultura. E, com o passar do tempo, apesar de diversos projetos surgidos no sistema desenvolvimentista hegemônico capitalista, propõe-se a continuar reformulando suas práticas ambientais, a partir de variadas estratégias de interações sócio-ambientais.

Os aportes cognitivos que formataram essa história permanecem desconhecidos por quem não participou ou participa dessas práticas, em razão das tendências comuns de percepção da sociedade ocidental em dispor cultura e natureza em domínios separados, o que configura uma mesma separação das histórias natural e cultural. A prática ecológica de produção de mudas envolve uma complexidade de ações que deve dar conta da mesma complexidade inerente dos fluxos que configuram os sistemas ambientais em seus mais distintos níveis de compreensão e interação, seja alfa, beta ou gama, seja pela distinção menos rígida entre natureza e cultura, consideravelmente mais comuns entre populações tradicionais.

Ingold (2012) afirma que a contribuição das gerações passadas para as seguintes não se dá pela entrega de um conjunto de informações que adquiriu autonomia em relação ao mundo da vida e da experiência, mas pela criação, por meio de suas atividades, de contextos ambientais dentro dos quais as gerações presentes desenvolvem suas próprias habilidades.

Assim, a constituição e reconfiguração das territorialidades quilombolas fortalecem determinados aliados (árvores e a interatividade gerada com elas), reatualizando constantemente as configurações tradicionais de manejos da natureza, conforme vivenciadas criativamente por estas populações.

### **Referências bibliográficas**

- CARVALHO, I. e STEIL, C. Percepção e ambiente: aportes para uma epistemologia ecológica. **Revista Eletrônica do Mestrado Educação Ambiental**, v. especial, p. 59-79, 2013.
- INGOLD, T. Ambientes para la vida: conversaciones sobre humanidad, conocimiento y antropología. Montevideo: Universidad de La República, 2012. 86 p. il.
- INGOLD, T. Sobre a distinção entre evolução e história. **Antropolítica**, n. 1, p. 17-36, 1995.
- MESTRI, M. e FIABANI, A. O mato, a roça e a enxada: a horticultura quilombola no Brasil escravista (séculos XVI-XIX). In: ZARTH, P. MOTTA, M. (orgs). **Formas de resistência camponesa: visibilidade e diversidade de conflitos ao longo da história. Concepções de justiça e resistência nos Brasis (vol. I)**. São Paulo: Ed. da UNESP/ Nead, 2008. 209 p.